

Explicação inicial ao leitor

A junção de *O português arcaico: fonologia*, publicado em 1991, e de *O português arcaico: morfologia e sintaxe*, de 1993, por convite de Jaime Pinsky, merece uma explicação, ainda que breve, ao leitor.

Esses dois livros foram escritos para a coleção *Repensando a língua portuguesa*, coordenada por Ataliba de Castilho, que em carta-circular solicitava aos colegas que transformassem em livro pesquisas que estivessem realizando e especificava, na referida carta-circular, que os livros teriam como público-alvo os estudantes do curso de Letras e professores desses cursos e do ensino médio.

Passada mais de uma década da publicação dos dois volumes, muito se pesquisou sobre o período arcaico da língua portuguesa, devido, sobretudo, ao conhecido retorno aos estudos histórico-diacrônicos, no caso, da língua portuguesa, tanto pela via da sociolinguística laboviana como da teoria gerativa e, mais recentemente, dos funcionalismos, sobretudo no que se refere aos processos de gramaticalização, e ainda pelo retorno à Filologia, com novas edições de outros textos do período arcaico.

Atendi ao convite de Jaime Pinsky porque considero ainda válidos os dois livros acima referidos, veja-se, por exemplo, as reimpressões, sobretudo, do primeiro.

Revistos os dois livros, senti que devia, pelo menos, informar o leitor sobre alguns pontos que considereei significativos:

- Sobre o item *Subdividindo o português arcaico*, no quadro que sumariza a questão, escrevi um artigo – *Para uma caracterização do período arcaico do português*, em que apresentei um novo quadro, em que reuni propostas de periodização para o período arcaico de doze especialistas, filólogos e/ou lingüistas;
- A questão referente aos limites inicial e final foi reaberta, nos fins da década de 1990, quando Ana Maria Martins encontrou nos IAN-TT, documentos não-literários, que fazem recuar para o ano de 1175 o mais antigo texto em português – *Notícia de fiadores*. É uma questão em debate. Centra-se tal debate no seguinte: será esse documento (e outros semelhantes) escrito em português, em *scripta conservadora* ou será ainda um texto em latinorromance? Isso no que se refere ao limite inicial. Quanto ao limite final, pesquisas de membros do *Programa para a história da língua portuguesa* (PROHPOR), grupo de pesquisa que coordeno, vêm verificando que características do português arcaico se prolongam até meados do século XVI, quando, por exemplo, o verbo *ser* perde o traço semântico de transitoriedade, próprio ao português arcaico, e também quando o verbo *haver* perde o traço semântico de posse, característico do período referido.
- No item *Uma tipologia da documentação remanescente*, quando trato da *Documentação poética*, não só o *Pergaminho Vinidel* descoberto no século XX, que contém o Livro de Cantigas do trovador Martin Codax, mas também outro Livro de Cantigas foi descoberto, nos IAN-TT, nos inícios dos anos 90 e ficou denominado de *Pergaminho Scharrer*, que contém sete *Cantigas de amor* de D. Dinis, embora em estado fragmentário. Ainda nos IAN-TT, Arthur Askins encontrou um manuscrito com uma quarta versão dos *Diálogos de São Gregório*. Certamente muito escondem os arquivos portugueses. Com pesquisas em curso e futuras novas surpresas serão reveladas ao público interessado pelo período arcaico ou medieval do português.

Almejo que esta nova publicação tenha o feliz destino que tiveram, a meu ver, os dois pequenos livros de cor cinza da coleção *Repensando a Língua Portuguesa*.

Por que estudar hoje o português arcaico?

Começamos por uma pergunta porque ela costuma ser feita quando se sabe que um dos nossos principais interesses de pesquisa sobre a língua portuguesa se centra nesse período de sua história.

Para alguns, talvez muitos, o interesse por um momento tão recuado na história do português, mais recuado ainda para nós, falantes do português brasileiro, o estudo desse tempo não passa de especulação, “curtição” erudita, naquela compreensão de que o não imediatamente aplicável não faz sentido, é quase uma inutilidade. É claro que é essa uma concepção banal, mas existente...

Sem dúvida, trabalhar sobre períodos recuados na história de qualquer língua exige, pelo menos, certa “erudição”, no sentido de que, diferentemente do trabalho sobre qualquer língua na sincronia contemporânea ao pesquisador, se faz necessário que, para além do conhecimento de teorias e métodos da Linguística, esteja ele informado sobre vários aspectos da contextualização histórica em que funcionava a língua no momento estudado.

Ele não pode deixar de conhecer, por exemplo, aspectos da sociedade em que a língua era utilizada como instrumento cotidiano de comunicação. Não pode ignorar também o passado desse período pretérito, já que o que era antes e o que veio depois são balizamentos para apreender-se aquele momento que se quer estudar.

Chega-se assim, no caso do português, a ter-se a necessidade, muitas vezes, de ir buscar no latim dados que, para um estudo do português de nossa contemporaneidade, já não se fazem

necessários. Não se pode deixar de conhecer também como se processava a transferência daquela língua, que era falada, para a matéria escrita, cuja documentação será a base empírica para observar o que seria a língua em uso. Daí requerer-se, necessariamente, uma certa preparação filológica que informará ao pesquisador sobre mecanismos das escritas medievais e da transmissão dos manuscritos já que ainda não existia o texto impresso.

Por tudo isso, pelo menos, é um trabalho que exige alguma informação, se não formação, que se pode considerar hoje erudita, no sentido, portanto, de tratarem-se de saberes que não são mais passíveis de serem difundidos para todos, porque, para além de razões sociopolíticas, outros centros de interesse têm dominado entre os pesquisadores de línguas, os lingüistas, também porque outros objetivos perseguem hoje o ensino das línguas e da língua portuguesa entre elas, em que os problemas da história presente são muito mais urgentes de serem equacionados e explicados do que os da história pregressa. E não havia de ser diferente, senão seríamos fortes candidatos à alienação da realidade em que vivemos.

Contudo, para lá desse trabalho que se pode considerar hoje erudito – estudar o português arcaico pelo português arcaico – há “motivações externas” ao mero interesse científico e cultural próprio ao pesquisador (que nunca deverá ser minimizado, ao contrário!) para voltar-se hoje e aqui ao primeiro período documentado da história do português.

Vejam, entretanto, como exemplo, algumas das “motivações externas” a que nos referimos:

No plano da Lingüística teórica de hoje, os dados do passado das línguas podem fornecer argumentos para teorias que têm como objetivo explicações dos mecanismos cognitivos e psicológicos que estão na base de qualquer língua histórica. Para outras teorias lingüísticas contemporâneas, tal como os dados empíricos das línguas em uso no presente, abrem portas para a compreensão de aspectos de períodos passados, os dados empíricos de períodos passados fornecem elementos para a explicitação de fenômenos em uso no presente. Referimo-nos, nos dois casos, respectivamente, às teorias gerativas e às teorias sociolingüísticas contemporâneas.

Ultrapassando o plano teórico geral para a compreensão das línguas e da história das línguas e considerando, agora, a relação entre o período arcaico do português e o português contemporâneo, destacamos duas motivações que podem mover o pesquisador na direção do conhecimento do período arcaico.

Poderíamos dizer, parafraseando, que nada, ou quase nada, nas línguas se perde, tudo se transforma e é observando o passado que se podem recuperar surpresas que o presente, com freqüência, nos faz. Para algumas perplexidades que a variação sincrônica levanta, um rápido olhar para a história passada esclarece.

Exemplos de todos conhecidos: por que *irmãos*, mas *corações*, *cães*, se no singular temos *irmão*, *coração*, *cão*? Por que *fazer/feito*, *ver/visto*, *escrever/escrito*, se o geral é verbo de infinito *-er* ter participio em *-ido*? Variações do presente, heranças do passado. Queremos com isso dizer que o passado se esgueira pelo presente e pode clareá-lo, mesmo que se tenha, teoricamente, em muitos casos, como explicar (ou descrever?) o presente

sem viagens pelo passado. Sem dúvida, para quem hoje usa e tem a oportunidade de refletir sobre a língua que usa, alguma informação histórica passada é um instrumento útil para abrir caminhos para o conhecimento de sua língua.

Outro aspecto de que estamos pouco conscientes e que é fortemente motivador para o estudo do português arcaico é o fato de que àquela altura da história do português ainda não se explicitara a norma, os padrões do uso prestigiado, estabelecidos pelos gramáticos. O português arcaico escrito, representação do falado, move-se independente dos gramáticos e do ensino do português padrão nas escolas, já que por toda a Idade Média européia é o latim a língua da escola, para os raros escolarizados. Tanto gramáticas do português como “português língua de escola” só entram na cena da nossa história no século XVI. Quais as consequências desses fatos históricos para quem descobre interesse pelo português naquele período?

Caracteriza a documentação escrita dessa época a variação. Não apenas variação na grafia – as primeiras propostas de ortografia para o português se iniciam nos meados do século XVI – mas também a variação na morfologia e na sintaxe. Pela variação gráfica se podem deprender indícios de realizações fônicas conviventes e pela variação morfológica e sintática podem ser percebidas possibilidades estruturais, então em uso, que são indicadores para mudanças que depois vieram a ocorrer e que, a partir da normatização gramatical, a documentação escrita exclui, já que serão sempre algumas das variantes selecionadas para o uso escrito normativizado das línguas. Com isso queremos pôr em destaque o fato de que o texto escrito do período arcaico se aproxima, em geral, mais da fala do que os textos escritos posteriores à normatização gramatical.

Assim, a documentação remanescente do período arcaico é importante subsídio para o conhecimento da língua em uso de então, apesar das restrições necessariamente impostas na transferência do oral para o escrito.

Além disso, essa variação documentada fornece dados significativos para o processo histórico de mudança da língua e para melhor apreensão e compreensão de variantes que persistiram para além do período arcaico e até hoje permanecem em variantes, sobretudo, mas não apenas, regionais do português.

O português arcaico: fonologia, primeira parte deste livro, depois de introduções que julgamos esclarecedoras para os iniciantes sobre os limites do português arcaico e sobre características da documentação remanescente e como trabalhar com elas, procuraremos rastrear as estruturas características do português arcaico, marcando, sempre que possível, a variação interna refletida na documentação.

Nas rotas de *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe* sinalizarão nossos caminhos – tanto na organização dos dados como nas interpretações – o que têm legado, e pode ser aplicado à história do português, a dialectologia histórica, a análise estrutural, também as teorias sociolingüísticas e ainda a Filologia. Sem esta, é impossível desvendar os meandros que um período passado, representado pela escrita, nos apresenta. Seguiremos assim um percurso de *Lingüística Histórica* histórica e não a-histórica, formal, que também é possível de ser percorrido, como têm feito estruturalistas e gerativistas diacrônicos.